

O PERIGO PARA AS RELIGIÕES AFRO- BRASILEIRAS

Luiz L. Marins
www.luizmarins.com.br

Quinta edição
Janeiro de 2017

PRÓLOGO

Nestes tempos de Internet, de tanta informação, contrainformação e desinformação, e para que se perpetue através dos computadores, julguei oportuno registrar duas falas:

- 1) Extrato da entrevista de Pierre Verger publicada na *Revista EXU*, edição de setembro/outubro de 1988, concedida a Myriam Fraga, conselheira da mesma, com coordenação de Claudius Portugal, editada pela Fundação Casa de Jorge Amado, Largo do Pelourinho, s/n, Salvador, BA.
- 2) Extrato do prefácio de Roberto Motta, professor da Universidade Federal de Pernambuco, no livro de *Xangô de Pernambuco*, de Anilson Lins, Ed. Pallas.

A ENTREVISTA DE PIERRE VERGER PARA A REVISTA EXÚ:

Nesta entrevista Verger inicia falando de sua chegada à Bahia, de seu encantamento pela cultura afro-baiana, de preconceito, de seu trabalho como fotógrafo, de início como escritor, etc.

Entretanto, a resposta que fez valer toda a entrevista foi aquela que Verger adverte sobre os perigos que ameaçam o candomblé, e por extensão, todos os segmentos das religiões de matrizes africanas.

Reproduziremos na íntegra a pergunta da entrevistadora Myriam Fraga e a resposta de Verger. Esta resposta serve como advertência não só para a geração atual, como ainda para as futuras que tem buscado cada vez mais conhecimentos nos livros.

Vejamos a entrevista:

[...]

MYRIAN FRAGA:

E o candomblé hoje. Como o senhor o vê nesses quarenta anos, já que a Bahia foi modificada, principalmente pelo turismo?

PIERRE VERGER:

O turismo é muito perigoso. Mas o que é perigosíssimo são as teorias dos intelectuais. Coisas que não têm nome, que não se justificam, mas são apresentadas com muita inteligência. São coisas muito inteligentes!

Mas, [mas ainda que de forma] inteligente, podem se dizer coisas que são estupidezas tremendas. Muito bem explicadas, mas são completamente falsas. Infelizmente, há recentemente coisas publicadas, que dizem exatamente o contrário do que são.

Tem uma pessoa que escreveu que é proibido a gente comer as comidas que fazem parte das oferendas que se faz a um certo santo. Fez um trabalho minucioso e

conseguiu a confirmação do ponto de vista que queria mostrar, mas que é completamente o reverso.

Quando uma pessoa faz um trabalho com uma “hipótese de trabalho”, consegue provar qualquer coisa. E isso, porque baseou a teoria sobre a teoria de outra pessoa, da qual não quero dar nome, que escreve de maneira inteligente, mas que escreve coisas completamente estúpidas. É muito grave!

O raciocínio é perfeito, mas a base é falsa.

Tem muita gente inteligente que é completamente falsa. E isso é perigoso para o candomblé, porque o conhecimento do candomblé não é conseguido pela gente do candomblé de maneira didática. Nunca um pai de santo, digno de seu nome, ensina as coisas. Eles demonstram como se faz, sem explicar. Se a gente é inteligente, entende o que é. (o grifo é nosso)

MYRIAN FRAGA:

E a utilização do candomblé, os mitos africanos, religiosos ou não, numa recriação literária? Como vê isto?

PIERRE VERGER:

Eu acho que é um meio de usar os mitos africanos para a gente conhecer. Eles são de uma poesia e uma beleza muito grande. Não acho inconveniente algum, se não fizer uma deformação de caráter. Digo que há livros muito bonitos, Vasconcelos Maia, por exemplo. Se não deformar o caráter do santo, por que não?

A FALA DE ROBERTO MOTTA

Complementando o pensamento de Verger, Roberto Motta, antropólogo, professor doutor da Universidade Federal de Pernambuco, escreve na apresentação do livro de Anilson Lins, *Xangô de Pernambuco*, Editora Pallas, a seguinte crítica aos próprios acadêmicos, embora seja um. Vejamos:

[...] O primeiro destes méritos é a fidelidade ao vivido. Ao vivido, quero dizer, àquilo que as pessoas fazem, à sua realidade material e cotidiana, em contraposição ao que vem infelizmente sendo tão comum na produção antropológica, isto é, a atitude diametralmente oposta que consiste em confinar-se o antropólogo a uma espécie de gueto, em que os pesquisadores – se ainda pesquisadores – tratam seus próprios modelos ou daquilo que querem impor à realidade.

Deixam de ser cientistas e abandonam-se a elucubrações, não a respeito do que as coisas são, mas sobre como deveriam ser para corresponderem às utopias de que se fazem muitas vezes representantes. Utopias que envolvem uma tentativa de domínio, uma reivindicação de poder. (O grifo é nosso)

Em nome do relativismo cultural e da igualdade entre os povos, antropólogos, sociólogos e assemelhados, estão é ferozmente tratando de impor à realidade o único modelo de história que consideram válido, com origens no ideário do período que tenho chamado período intramural [...].¹

¹ “Intramural” refere ao que acontece internamente, termo geralmente empregado na área médica para designar tumores internos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Nenhuma das falas usaram esta palavra, mas o personagem a que se referiam é o que eu chamo (por minha conta e risco) de *acadafro*. Com respeito, sem querer ofender, é para este personagem religioso iniciado nas letras (qualquer um, ok) que criei tal denominação especial.

Este termo *acadafro* ocorreu-me quando pesquisava fontes para o estudo do oriqui *Exu Ota Orixá*, publicado no livro *Dos Yoruba ao Candomble Ketu*, organizado por Aulo Barretti. O motivo do estudo foi o livro *Exu, o inimigo invisível do homem*, do Pastor Ade Dopamu, livro que adquirei diretamente das mãos do nigeriano Sikiru Salami, em 1990, quando ministrava aulas no bairro de Perdizes.

Ao tomar conhecimento que ele, Dopamu, além de pastor, era professor de religiões da Universidade de Ilorin, Nigéria, pensei comigo ... "poxa, mas ele escreve o que quiser: pastor, professor universitário de religiões, tem a máquina acadêmica a sua disposição, assim é fácil ... esse cara é um *acadafro*". Assim que surgiu a expressão.

Não há nada de errado em ser iniciado e acadêmico ou vice-versa, ao contrário. Mas se por um lado isto traz benefícios, com o registro de informações da tradição oral e etnográfica, também traz alguns problemas.

O *acadafro*, tem a particularidade (ou seria a facilidade) de circular nos dois ambientes, acadêmico e religioso, livremente, sem que ninguém os conteste. Explico:

- a) Na esfera acadêmica fala de conceitos religiosos iniciáticos que seus pares não conhecem, portanto, não contestam.
- b) Na esfera religiosa fala de pesquisas acadêmicas as quais os irmãos de religião desconhecem, portanto, também não contestam.

Assim, o *acadafro* discursa, escreve, conferencia, circulando livremente nas duas esferas da forma como deseja, como melhor lhe aprova o pensamento, porque não dizer, também a fé, naquilo que acredita e quer provar através das letras.

Em um *acadafro* é muito difícil apontar o fio da navalha entre o homem religioso e o pesquisador acadêmico isento. Onde termina um e começa o outro? Qual deles domina, no momento crítico da conclusão da pesquisa?

No cenário internacional um bom exemplo de *acadafro* é o antropólogo Solagbade Popoola, que vem publicando textos religiosos apoiados em seu título religioso de Babalaô do Ijo Orunmila, de Lagos. No cenário nacional há muitos nomes, mas podemos citar Juana Elbein dos Santos.

Quando questionado, o *acadafro* geralmente apela para seu título religioso, fazendo uma espécie de “carteirada iniciática”, claramente para desqualificar o interlocutor e assim sustentar sua tese religiosa “acadafricanamente”.

A expressão *acadafro* surgiu quando pesquisava sobre o oriqui Exu Ota Orixá. Alguns comentam que criei a expressão a partir de uma premissa negativa, e este é um ponto com o qual preocupo-me: não quero dar a esta expressão um rótulo apenas negativo, embora ele exista, mas sim, o sentido do iniciado que busca nas letras acadêmicas o aval para sua fé. Na verdade, não é meu propósito dar à esta palavra rótulo nenhum, nem negativo, nem positivo.

A palavra *acadafro* quer apenas identificar o acadêmico iniciado, sendo que, tal relativismo entre o positivo e o negativo dependerá da probidade de sua própria produção acadêmica

A fala de Gilese Omindarewa Cossard no livro "Awo, O Mistério dos Orixás", p. 13, coloca bem esta questão, ainda que seja ela também uma “acadafra”:

“Anteriormente, o Candomblé era visto como um mundo oculto, para iniciados. Aos poucos, pesquisadores, especialistas e até sacerdotes começaram a divulgar este conhecimento de forma fragmentada. ”

“Acredito que, na verdade, tudo já tenha sido dito, mas de forma dispersa e muitas vezes com interpretações intelectuais, que reconstroem uma visão fora da realidade do Candomblé. ”

“O Candomblé deve ser abordado com humildade e é preciso deixar que seus valores falem por si. Por isso, procurei não interpretar, não criar fantasias, nem tão pouco reconstruir imagens distorcidas ou surrealistas. ”

Naturalmente, trocando-se a palavra Candomblé por qualquer outro segmento religioso afro-brasileiro, a fala de Omindarewa continuará tendo o mesmo teor.

Aos pesquisadores realmente isentos, sugerimos uma maior atenção para este personagem importante da atual etnografia religiosa afro-brasileira: o *acadafro*.

LEITURAS COMPLEMENTARES FORTEMENTE RECOMENDADAS:

- Pierre Verger, “Etnografia religiosa popular e probidade científica”, *Religião e Sociedade*, n. 8, São Paulo, ISER, 1982
- Fernando Brumana, “Reflexos Negros em Olhos Brancos”, *Afro-Ásia*, 36, 2007.